

CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA CFES NACIONAL

2º CURSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE FORMADORES EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

**1º Módulo – 5 a 9 de Julho de 2009
Brasília DF**

Conteúdos Temáticos

- Educação popular e a formação/ educação na economia solidária
- Experiências de trabalho e gestão de processos formativos e de mobilização na economia solidária
- Proposta de Lei Geral para Economia Solidária

Programação

Dia 05 (domingo)	
Hora	Atividade
14h	Abertura
14h10min	Apresentação dos Participantes Ciranda dos Nomes
14h30min	Identidade de práticas formativas (O que você gostaria que os outros soubessem da sua prática formativa?) - Qual a metodologia; - Qual a sua prática; - Onde? Com quem?
15h00min	Reunião dos formadores por região (Perfis para apresentar no mural)
15h30	Intervalo
15h45min	Apresentação do Programa do CFES
17:00	Apresentação dos Perfis dos regionais
17h30	Proposta do Trabalho autogestionário
17h50min	Reunião dos GT's para organização das atividades
18h10min	Reunião dos GT's para organização das atividades
18h40min	Encerramento das atividades
Dia 06 (Segunda-feira)	
Dia/Hora	Atividade

8h30min	Dinâmica de Animação
	Relatos de atividades dos GT's
9h	Educação Popular e Economia Solidária
10h30min	Atividade em grupos
	Pergunta provocativa:
	Porque a EP é a concepção mais adequada pela a Ecosol?
11h15 min	Intervalo
11h30min	Fechamento realizado pelos Facilitadores
12h00min	Almoço
12h30min	Conteúdos para formação em Economia Solidária
14h00	Atividade em grupos (5 pessoas cada).
15h00	Pergunta provocativa:
	Como os conteúdos temáticos dialogam com os princípios da Ecosol e da Ed. Popular? Conteúdos. Políticos e Técnicos para objetivos internos e externos
	Apresentação dos Grupos de Trabalho
15h45min	Intervalo
16h15min	Fechamento realizado pelo facilitador
18h	Encerramento das atividades
Dia 07 (Terça-feira)	
	Atividade
Dia/Hora	Dinâmica de Animação
8h30min	Relatos de atividades dos GT's
9h15min	Sistematização dos processos formativos Atividade em grupos
10h15min	Pergunta provocativa
	Quais as condições fundamentais para produzir conhecimento em educação popular através da sistematização?
11h	Intervalo
11h20min	Fechamento realizado pelo Facilitador
12h30min	Almoço

14h00	Papel do CFES
	O que são os CFES Nacional e Regionais
	- Qual o papel/missão?
	- Como poderemos construir uma unidade?
	- Como o CFES vão se articular com os programas da Senaes?
	Reflexão a partir das experiências regionais
	Atividade em grupos
Pergunta provocativa:	
	Preparar formadores-multiplicadores ou mobizadores pedagógicos
15h30min	Apresentação dos Grupos de Trabalho
Dia 08 (Quarta-feira)	
Dia/Hora	Atividade
8h30min	Dinâmica de Animação
	Relatos de atividades dos GT's
9h	Lei Geral da Economia Solidária
12h30min	Almoço
14h00	Lei Geral da Economia Solidária
18h	Encerramento das atividades
Dia 09 (Quinta-feira)	
Dia/Hora	Atividade
8h30min	Dinâmica de Animação
	Relatos de atividades dos GT's
	Preparação do 2º módulo do curso período a distância/presencial
9h15min	Intervalo
10h30	Avaliação
12h00min	Almoço
14h00min	- Sistematização
	- Memória da Semana
16h00min	Encerramento das Atividades

Dia 5 de julho (tarde)

◇ **Apresentação dos Participantes**

Ciranda dos Nomes: todos em círculo de mãos dadas, dançam ciranda, cantando os versos:

**Dançando essa ciranda
Nosso saber se espalha
E assim a economia
Se torna solidária**

Os participantes de cada Região do país, vêm ao centro da roda e se identificam pelo nome e Estado de onde vem. Cantam verso em ritmo de ciranda tentando fazer rima com seu nome.

◇ **Identidade de práticas formativas**

Participantes reúnem por região e escrever em tarjetas sobre

O que você gostaria que os outros soubessem da sua prática formativa?

- Qual a metodologia;
- Qual a sua prática;
- Onde? Com quem?

Região Norte

- ◆ Educação de jovens e adultos
- ◆ Qualificação de agricultores em empreendimentos solidários
- ◆ Movimento da educação do campo – Fórum Regional da Educação no Campo (Tocantins)
- ◆ Assessoria em autogestão e gênero
- ◆ Incubação de empreendimentos (cooperativas de reciclagem, Case – Centro Sócio-Educativo)
- ◆ Metodologia dialógica, sem fórmula pronta

Região Sul

Afinidades

- ◆ Vários sujeitos formação
- ◆ Relação com o movimento de Economia Solidária e outros movimentos
- ◆ Formação política continuada

Desafios

- ◆ Pedagogia da alternância
- ◆ Dimensões: território, rede/fóruns
- ◆ Desafio: frente ao poder público (enfrentamento ou direitos)
- ◆ Relação entre assessorias e empreendimentos

Região Sudeste

Afinidades

- ◆ Formação a partir das vivências
- ◆ Mundo do trabalho
- ◆ Saber popular
- ◆ Formação integral
- ◆ Metodologia participativa
- ◆ Educação popular
- ◆ Protagonismo dos sujeitos

Desafios

- ◆ Formação na ação: feiras, produção
- ◆ Atravessador (?)

Região Nordeste

Afinidades

- ◆ Diálogo: prática/teoria, técnica/valores

Desafios

- ◆ Redes sociais, cadeias
- ◆ Assessoria pública
- ◆ Educadores sociais, Planseq, comércio justo

Região Centro-Oeste

Afinidades

- ◆ Desafio: práticas centralizadoras
- ◆ Desafio: poder públicos ajuda ou atrapalha

Desafios

- ◆ Gênero
- ◆ Trabalho informal: reconhecimento

Dinâmica:

Tarjetas são colocadas no chão viradas com face inscrita para baixo. Cada participante pega uma tarjeta de um participante de uma Região que não seja a

sua e tenta identificar quem escreveu a tarjeta. Ao encontrar, a dupla conversa sobre o conteúdo da tarjeta. Em 15 minutos procuram ter uma identificação das práticas e fazem comentários.

Após este movimento, participantes identificam as práticas formativas comuns no grupo em termos de metodologia, conteúdo.

Afinidades

- ◆ Vários sujeitos formação
- ◆ Relação movimento de Economia Solidária e outros movimentos
- ◆ Formação política continuada
- ◆ Formação a partir das vivências
- ◆ Mundo do trabalho
- ◆ Saber popular
- ◆ Formação integral
- ◆ Metodologia participativa
- ◆ Educação popular
- ◆ Protagonismo dos sujeitos
- ◆ Diálogo: prática/teoria, técnica/valores
- ◆ Desafio: práticas centralizadoras
- ◆ Desafio: poder públicos ajuda ou atrapalha

Destaques

- ◆ Pedagogia da alternância
- ◆ dimensões: território, rede/fóruns
- ◆ Desafio: frente ao poder público (enfrentamento ou direitos)
- ◆ Relação entre assessorias e empreendimentos
- ◆ Formação na ação: feiras, produção
- ◆ Atravessador (?)
- ◆ Redes sociais, cadeias
- ◆ Assessoria pública
- ◆ Educadores sociais, Planseq, comércio justo
- ◆ Gênero
- ◆ Trabalho informal: reconhecimento

◆ **Comentários da facilitadora Ainda Bezerra**

As relações da Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular são muito intensas. Assim praticadas permitem uma formação integral. São práticas muito interessante para ser serem mapeadas no campo da formação. Há uma discussão enorme em torno da escola, cujos debates centrais aparecem nestes destaques e afinidades de modo meio espalhado. Há destaques muito interessantes, como por

exemplo: pedagogia da alternância. Pergunta o que é exatamente isso?, “a gente deve usar ou não?”; a relação entre assessores e empreendimentos solidário, “como aproveitar isto como elemento formativo?”; a questão de gênero, que aparece escondido em vários destaques. Tudo isto trouxe a tona uma série de temperos, que revela o grupo e vai ser o lugar de trabalho da gente.

◆ **Considerações de Ademar Bertucci.**

Observa-se a identificação do grupo, É possível perceber a riqueza das práticas, através dos destaques e afinidade, ou através das interrogações. O desafio é fazer a formação na ação e não no sistema convencional dos “cursinhos”. É preciso olhar, por exemplo, para a cadeia produtiva e perceber o processo formativo, ali contido. Temos aqui um grupo muito rico na sua diversidade de práticas. Para ser coerente com a Educação Popular, não há um educador que educa os outros, mas todos nos educamos na riqueza do processo. Temos interrogações que não vamos resolver em cinco dias, mas veremos qual o papel do formador/educador à frente da formação em Economia Solidária.

É interessante observar questões colocadas como a questão de haver um “atravessador” na educação. Será que educador é atravessador?

Se o educador se apropria do saber ele é um deformador, gerando inclusive dependência, alegando que grupo ainda não está preparado.

Outra questão: é possível ajuda os empreendimentos a terem elementos de mediação entre suas práticas e a construção do conhecimento?

◆ **Apresentação do projeto CFES**, por Ademar Bertucci (da coordenação da Caritas Brasileira, entidade executora do projeto do CFES Nacional

Inicialmente expõe uma “linha do tempo”, citando fatos que antecederam a construção do projeto CFES

- ◆ 2003 - III Plenário Nacional e criação da Senaes
- ◆ 2004 - Encontro Nacional de Empreendimentos
- ◆ 2005 a 2007 – I e II Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária
- ◆ 2006 – Posse do Conselho Nacional de Economia Solidária (com criação do Comitê Temático de Formação e Assistência Técnica)
- ◆ 2006 – I Conferência Nacional de Economia Solidária
- ◆ 2008 – 4ª Plenária Nacional de Economia Solidária, reafirmando as quatro bandeiras da Ecosol, sendo uma delas a formação
- ◆ Em cada momento destes há documentos que mostram o que o movimento de Economia Solidária quer em termos de formação. É com esse material que estamos fazendo este segundo curso nacional.

Destaque que CFES Nacional deve atuar em parceria com os CFES Regionais. “A responsabilidade do CFES Nacional é a afirmação do compromisso político. A Caritas apresentou projeto com apoio de 16 organizações nacionais da Economia

Solidária. Somos gestores de um projeto que é de um conjunto de organizações. Entre as principais atividades do CFES Nacional estão a de articular e mediar as ações do cinco CFES Regionais.”

Cita as atividades previstas para cada ano estão:

- dois cursos nacionais de formação de formadores
- seminário nacional sobre assistência técnica para Economia Solidária
- encontro da rede nacional de formadores

”É importante lembrar que o documento final do II Oficina Nacional de Formação para Ecosol fala da importância de uma rede de formadores. O CFES está dando condições para avançar na criação desta rede nacional. E esta rede nacional exige a criação de núcleos de educadores em cada estado brasileiro. Uma das

tarefas dos cursos do CFES é fortalecer núcleos ou criar onde não tem. A rede de formadores significa ir para além da uma política de governo.”

♦ **Apresentação do programa do curso**, por Ademar Bertucci

♦ **Fala de Roberto Marinho Alves da Silva Diretor do Departamento de Estudos e Divulgação - DEAD**

Destaca o desafio de construir uma política pública de formação para Economia Solidária. Apresenta dados do Sistema Nacional de Informação da Economia Solidária (SIES), onde destaca os principais desafios para a execução de políticas públicas, como fato de que, em termos acesso a formação e assistência técnica, 73% dos empreendimentos tiveram algum tipo de apoio e 27% não tiveram nenhum apoio. Quando os empreendimentos apontam qual tipo de formação e assistência técnica têm maior necessidade, destacam: acesso cursos qualificação, apoio jurídico, marketing e comercialização, diagnóstico, formação política.

Sobre que tipos de organizações estão realizando a formação e assistência técnica: ongs, universidades, entidades do movimento sindical, o Sistema S e o governo.

Destaca os espaços para construção da política pública de formação: as plenárias nacionais, grupo de trabalho, CTFAT (“principal espaço constitucional para debate e deliberação”), Senaes.

Sobre o CFES diz que este deve ser referencia de suporte para integração dos diferentes processos formativos. “CFES não quer ser só projeto, mas espaço para se referência na construção de processos formativos”. E sua estratégias é construir a base social dos educadores, proposta por FBES, que é a rede de formadores, sem competir, com outras redes, como Rede de Educação Cidadã (Recid), mas fazendo parcerias. Para a formação da rede é necessário a articulação entre núcleos estaduais de formadores.

Destaca a necessidade de realizar a sistematização dos processos formativos como forma de produzir conhecimento para aperfeiçoar a educação

para a Economia Solidária.

Apresenta o de vídeo sobre o 1  módulo do 1  Curso Nacional do CFES

Apresenta o da proposta de trabalho em grupos durante o curso, tendo como sugestão os seguintes grupos de trabalho: Sistematiza o, Monitoramento, Avalia o, Dinâmica/outras linguagens, Infra/cuidados

Integrantes dos grupos de trabalho				
<i>Sistematiza�o</i>	<i>Monitorament o</i>	<i>Avalia�o</i>	<i>Dinâmica/outra s linguagens</i>	<i>Infra/cuidados</i>
Joana Alzira Gal Andréia Suely Karen Jaqueline Sergio	Cleber Digo Raimundo joão Tom Raquel Mari Rosana	Gislayne Eni K�ua Altamiro Ana asti Gustinha Leo Teresinha Edinara	Neuda Munique Bárbara Soale Gedalva Begair Neide	Arimateia Angelino Aida Nise Guilherme

Dia 6 de julho (manhã)

◆ **Inic o das atividades com grupos de trabalho apresentando suas propostas de realiza o de suas atividades durante o curso**

GT de vivência:

◆ Faz dinâmica tic tac toc para gravar os nomes dos participantes – Informa que dinâmicas ter o a ver com o que está acontecendo

GT monitoramento: proposta de trabalho

◆ Esforço para cumprir programa o   principal tarefa,
◆ Acordar o pessoal de forma prazerosa com uma musica
◆ Advertência sobre tempo de fala de modo diferente, com cartazes
◆ Ajudar identidade das regiões , ajudar facilitadores e atua o dos CFES regionais, tipos de público de apóiam, espaços que atuam, políticas que se articulam

GT sistematiza o: proposta de trabalho

◆ Buscar a defini o de um instrumento/roteiro para realizar um processo de sistematiza o, buscar a compreensão sobre o que   sistematiza o e apoiar o grupo todo de participantes a compreender melhor um processo de

sistematização



GT avaliação:

◆ Realizam uma encenação de teatro, tendo por título “O bar do seu Gomes”
Na cena os participantes do GT comentam vários aspectos sobre um curso do qual estão participando e vão realizar a sua avaliação usando meios como a teatralização.

GT infra-cuidados: proposta de trabalho

- ◆ Terá ouvidoria para receber reclamações sobre toda a estrutura
 - ◆ Atendimento: criar uma farmacinha, ver quem é socorrista, enfermeiros, indicar remédios para ter, ver se ter alguma alergia, intolerância alimentar (Quem tiver remedinho sobrando pode trazer para farmacinha), incluindo chás
 - ◆ Vai incentivar uso de copos de vidro e não de plástico
- Promoverá uma feirinha com produtos trazidos dos estados

◆ **Tema da Educação Popular e Economia Solidária**

Dinâmica: atividade em grupos por região para conhecer atividades formativas por região

Apresentação das conclusões dos grupos

Região Sudeste

- ◆ Observadas diferenças e semelhanças nas atividades formativas
- ◆ Presença dos temas da gestão e valores cooperativos.
- ◆ Realização de formações nas feiras de modo continuado.
- ◆ Desenvolvimento de plano de sustentabilidade do negócio, com temas como: pesquisa de mercado, formação de custo, divulgação
- ◆ Utilização de metodologia participativa e pedagogia da alternância
- ◆ Porposta de rede de parceiros no local
- ◆ Presença de divergências (citados casos do Fórum do Rio de Janeiro), que provocam afastamento de pessoas e entidades que contribuem na educação
- ◆ Há formação para conselheiros para políticas públicas e lideranças comunitárias, direitos humanos e Economia Solidária.
- ◆ Objetivos de congregar e articular movimentos sociais
- ◆ Formação para grupos de consumidores, movimento de moradia,
- ◆ Conteúdo sobre finanças solidárias
- ◆ Articulação nos territórios da cidadania

Região Sul

- ◆ Tema da agroecologia
- ◆ Incubação de empreendimentos
- ◆ Trabalho contínuo semanal, quinzenal, mensal,
- ◆ Conteúdos dependem das demandas dos grupos incubados, sendo mais específicos, ou gerais
- ◆ Empreendimentos devem estar articulados nos fóruns regionais e municipais
- ◆ Abordagem sobre temas das políticas públicas

Região Centro-Oeste

- ◆ Trabalho com grupos de base dos bairros e agricultura familiar
- ◆ Geração de novos grupos, como no setor de artesanato e produção de mel
- ◆ Orientações para conquista de linhas de crédito
- ◆ Realização de caravanas regionais de formação
- ◆ Formação em feiras municipais, regionais e estaduais
- ◆ Estabelecimento de parceria com órgãos públicos, como Superintendência Regional do Trabalho, Ministério do Desenvolvimento Agrário

Região Nordeste

Trabalho com diferentes públicos (artesãos, jovens, marisqueiros, agricultores familiares)

Metodologia participativa e dialética

Pedagogia da alternância

Educação contextualizada (escola aberta, Educação de Jovens e Adultos)

Assessorias para empreendimentos e redes

Conteúdos sobre gestão, consumo e crédito

Parcerias com fóruns locais e estaduais, pastorais sociais, movimento sindical, ONGs e poder público

Região Norte

- ◆ Formações para qualificação (estudos sobre Ecosol, cadeias produtivas, acesso a créditos, fomento, comunicação e mídia comunitária), ITCPs, redes, articulação com universidades, articulação nas três esferas de governo, etnodesenvolvimento. mapeamento Pará, Amapá e Tocantins.
- ◆ Públicos: agricultura familiar rural, urbana e periurbana, mulheres, jovens, menores infratores, artesãos e artesãs, extrativistas, ribeirinhos, indígenas, quilombolas, pescadoras e pescadores artesanais, catadores/catadoras e reciclagem, assentados e reassentados.
- ◆ Metodologias: Feiras de Ecosol, educação popular freiriana, EJA, formações itinerantes, incubação e assessorias, utilização do Manual para Formadores na disseminação da Campanha Nacional da EcoSol.

- ◆ Parcerias/articulação: universidades, ITCPESS, UNITRABALHO, SEAP-PR, RECID, MDA, MTE, BRASIL LOCAL, poder legislativo das 3 esferas, Secretarias de Trabalho de estados e municípios. CUT estaduais.

Comentários de Aida Bezzerá

Estamos descobrindo nossas identidades formativas. Vocês estão aqui por para construir um CFES, com identidade e respeitando diversidades. Se vocês não se encontram para saber o que estão fazendo não há aprendizado coletivo, que é nosso objetivo. Nós educadores. Observamos a quantidade de formações diferenciada. E que referências temos como fonte para formação que realizamos. É interessante formar para a ação. Observar as ferramentas usadas na formação. E o que tem dentro a formação política. Observar o processo o resultado. Qual lugar do educador para dinamização do processo. Onde eu esto e onde está o outro, num processo dialógico e gerando desconstrução para construir novamente. Isso leva à aceleração muito grande.

Comentários de Cláudio Nascimento

Sobre a questão da autogestão. Dentro de uma crise profunda é precisa pensar nova paradigmas. Boaventura de Souza Santos fala na epistemologia do Sul, onde as experiências mais interessantes. Há a territorialidade, os valores são dos povos originários, como os quilombolas, índios

Na vida mercantizada pelo capital, tudo virou mercadoria. O novo mundo é aqui na América Latina. E nós temos o direito de experimentar. Fazer como a cobra, que cada 6 meses muda a pele. Não significa que não tenha horizonte.

Nosso foco é o do mundo do trabalho, do trabalho associado.

Responder a vida, sobreviver, sem deixar de lado do conjunto de valores. Autogestão implica transformação profunda de ética cotidiana, no chão de trabalho, independente do território. Como socializar o saber as oportunidades neste espaço, pensar uma pedagogia. Devemos traba lhar em cima das possibilidades, dentro de cada realidade. Ver esse horizonte e utopias com pé no cha. Sonhar com olhos abertos

Qual a concepção de Economia Solidária que temos, que tipo de desenvolvimento queremos? Buscamos a propriedade social dos meios de produção do território. Buscando democratização do estado pelo controle social. A organização no local de trabalho.

Em termos de construção de conhecimento neste universo, um dos grandes desafios é a sistematização das experiências no chão de trabalho. E neste sentido temos que ir experimentando.

Dia 6 de julho (tarde)

Debate sobre atividades formativas

Nilce

Fazer Economia Solidária desarticulado com o movimento sindical é utópico não gera mudança

Arimatéia

Formação para pais com o nosso tem uma dimensão bem ampla. Quem pensa formação precisa ter dimensão de que recursos públicos precisam vir para Economia Solidária

Leo

Preocupação com institucionalização da Economia Solidária, sobre qual o limite para evitar o aparelhamento pelo Estado

Altamiro

Precisamos perceber a diferença entre programa de governo e programa de estado

Alzira

Chama atenção temática do curso é reflexão do lugar do educador

Edinara

Um dos grande nós é método autogestionário para a autogestão

Terezinha Barbosa

Aqui fico feliz com falas Aida de que precisamos buscar a magia dentro de nós. Preocupação como vamos fazer o que queremos para Economia Solidária. E como a gente encara a nova geração,

Joana

Qual o estado que queremos construir. Economia Solidária quer fazer formação para quê? Hoje a Economia Solidária perdeu a dimensão política. Temos que construir um novo estado pelo socialismo democrático. Economia Solidária está a fugindo do debate que queremos.

Raquel

Economia Solidária passou só do fortalecimento do empreendimentos, virou campo vasto de pensadores

Gedalva

Preocupação sobre o jeito que fizemos faz formação. Não conseguimos sistematizar para melhorar o que fizemos

Cleber

Será que não colocamos Economia Solidária como uma coisa e empreendimentos solidários como outra?

Tom

Para que serve Economia Solidária. Posso ter a minha resposta. Cada um a sua. Mas é a mesma resposta. Porque quando discutir alternativa ao sistema varia muito.

Trabalho em grupo

Questões para grupos

1. Como desenhamos a relação estratégica Economia Solidária e seu campo de força, através do estado, mov sociais, outras iniciativas da economia?
2. Em termos Filosófico culturais o que é importante garantir nos processos educativos?
3. Como conteúdos temáticos da formação dialogam com princípios da Economia Solidária?
4. Os processos educativos fornecem elementos para construção da autogestão?
5. A educação popular ainda é uma proposta adequada às demandas atuais de formação da Economia Solidária?

Apresentação das conclusões dos grupos

Grupo 1

Construção identidade dos trabalhadores/as da Economia Solidária

Aritculação com diversas forças trabalho e movimento social

Buscar estabelecer agenda própria do movimento de Ecosol.

Apoderar-se dos recursos públicos. Ocupar os espaços políticos. Garantir no processo de formação Economia Solidária o modelo que queremos.

Resgate do movimento de Economia Solidária em parceria com movimento social.

Autogestão deveria pautar o sindicalismo. Autogestão é modelo para sociedade, como luta da classe trabalhadora para implantar esse modelo.

Reflexão qual o maior desejo dos trabalhadores, querem ser patrão, mas isso é fortalecer uma identidade dos trabalhadores

Movimento sindical não só discutir suas pautas, mas também a apropriação dos pólos de trabalho via empresas recuperadas.

Estamos num governo de disputa, não vamos romper com esse governo mas compor e por agenda dos trabalhadores para aumentar recursos para Economia Solidária, para aprofundar o modelo estado que queremos.

Integração das bandeiras da Economia Solidária e dos diversos atores

Grupo 2

Resgate histórico do sentimento de pertencimento. Troca de saberes.

Experimentação das vivências. Construção coletiva. Relações interessoais, garantindo diálogo, Garantir mudanças e transformações. Garantir a identidade. Apropriação dos valores internos. Acolhimento das diversidades.

Processo educativos – instrumentos

Filosófico os valores, como base para qualquer iniciativa formativa.

Expresso na variedade dos valores já identificados nas cartilhas

Valores que se vem afinados com todos os movimentos

Instrumentos

Iniciativa popular de lei

Excelente instrumento de formação cotinuada porque até vingar exige muito

Balanço social, por empresas, associações, cooperativas

Para aproximar e conhecer o empreendimentos

Valores internos

Desenvolver trabalho com Economia Solidária está voltado para ser humano

Por isso valores internos

Sendo trabalhadores vai trazer mudanças pessoais

Nos como formadores precisamos ter muita sensibilidade

Como forma de acolhimento para o que a pessoas desejam

Exercício de poder

Sempre questionado no debate se isto é principio filosófico

Como trabalhar a produção como humana

Grupo 3

Angustia sentido falta de um norteador nas discussões

Qual foi o relatório da II oficina, muita gente já discutiu essas questões, não viemos inventar a roda

Fomos estudar e vimos que conteúdos estão aqui e dialogamos com este relatório

Foi se identificando com o que aparece como conteúdos no relatori

Fazemos processos formação continuados

Estranhamento porque ali fala em cursos

Dialoga com o que já foi discutido

Concenso

São as práticas que promovem os princípios da Economia Solidária

Tem que ver as práticas dos formadores

Como é que estes princípios são produzidos, como acontecem

Das práticas nossas e dos empreendimentos

Diálogo conteúdos com Economia Solidária

Abordagem a partir dos territórios, que j[a t]a acontecendo

Precisa dialogar com a comunidade, não só com o EES

EES isolado é uma coisa, relação com a comunidade é o desenvolvimento local

Resgate tecnologia popular

Dos vários povos que trouxeram tecnologias

Casando com o meio ambiente

Formação de rede dos grupos, como continuidade da formação

Grupos atuando como formadores,

Não só entre EEs, mas com outros agentes

Desafios

Para formação técnica precisamos dialogar mais com EEs
A gente vai com informações muito fechadas que não pode ter desvios, precisa dialogar
Segmentos de perceberem como formadores e não como ees, assessoria e gestor
O diálogo de território com práticas de formação

Grupo 4

Sim, se formação for continuada
Porque há descontinuidade
Educador com parte do grupo e não hierárquica
Aí deixa espaço livre para aprendizado
Linguagem adequada ao grupo
Educador como ator integrado ao meio do grupo
Facilita quando grupos formados por vontade própria e não aquele formado por agente externo
Autoestima como processo emancipatório
Nos processos procurar inserir os grupos em outras redes
Para se empoderar se colocar par fora do seu grupo
Essa capacidade só vem com a participar.
Critério de avaliação
Mudanças do paradigma desde o primário, não te nota, para eliminar esta cultura
Projetos baseados na pratica
Fala de comprometimento organizacoes de formação com os grupos, devido a correreria para sustentabilidade
Integração da Economia Solidária com federações dos sindicatos, onde tem recursos pessoal e financeiro

Grupo 5

Não temos clareza dos fundamentos teóricos da EP como uma corrente na educação
Porém nas práticas fazemos EP e tem se mostrado adequado as demandas
Porque com esta educação surge nos grupos amplia interações
Ampliar conhecimento pq não é educação bancaria
Aqui é aproveitado o que a pessoa tem, traz para participar
Cuidado para tendência de ser populista
O que vem dos grupos é a verdade, e não é
Os grupos populares não protegidos pq são populares, de uma cultura burguesa
O fato de pobreza não quer dizer que certos valores não estejam sendo cultuados
Daí a importância do debate sobre saberes
Essa relação formação/formador não é o tempo todo
Ela se estabelece na caminhada
Nós sabemos que existem algumas praticas que não levam a democratização do saber e do poder

Dia 7 de julho (manhã)

GT Avaliação pede avaliação em tarjetas que bom que tal que pena para todos os participantes

Resultados avaliação

Que bom

Participação

Diálogo, debate

Aprofundar em termos do papel do CFES

Que pena

Falta de animação

Descontinuidade nos debates que o mov vinha fazendo sobre formação

Tema: O lugar de educador

Abordagem de Ailda Bezerra

Qual é nosso lugar de educador? Que dinâmicas incorporar para ocupar esse lugar da melhor forma? A gente quer levar os empreendimentos ees a uma mudança. Precisa prestar atenção quando diz que vai dar uma formação. Melhor dizer a gente vai participar da formação. Porque dar é um movimento que é seu e você não vai com uma maleta e entregar algo para as pessoas. Se levo na maleta não sei onde vai ficar o diálogo, onde botamos o diálogo. A preocupação é: na relação com EEs a gente vai ter muita dificuldade de saber o que já está, o que já existe. Por exemplo: o que há de gestão, sempre tem alguma gestão. Com que experiência de gestão está conversando. Com que experiência de poder está conversando. Em Educação Popular a gente está olhando os saberes. E isso não existe sem uma relação com o poder. Tem que investigar como o poder ta sendo exercido. O poder se dá em exercício. É uma arena de exercício. Para construir esse lugar e ativar o que existe com a leitura que temos. Aí temos uma contribuição. Falam da necessidade de teoria. Mas aquela que está no livro, na cabeça dos iluminados. Essa não serve. A teoria é para explicar o que eu faço. Serve para clarear as escolhas da gente. Tem acadêmicos que se especializam em complicar. Escolha é de ordem política. Tem o poder de escolher. A educação envolver diretamente a questão do poder. O trabalho de educação é o lugar de socialização. É sede do saber e do poder ao mesmo tempo. Educador não deve ser a sede única disto. Esse o desafio; É o mote da transição. A gente está nesse mote. A gente não quer mais a estrutura formal de educação. E a gente está construindo isto.

Sobre a relação do estado e Economia Solidária. A gente quer saber qual o lugar. E quer pautar a agenda do estado. E também quer saber qual a relação da gente com o movimento. A gente está num caminho procurando o lugar do educador.

Voltar um pouco para a questão da EP. O que é educação popular. A construção histórica dos conceitos é fundamental. Esse termo popular é uma criação histórica. A história não se dá em linha reta, mas se move por desvios, explosões. Grandes acontecimento que geram determinações.

Na história, houve movimento de expropriação de saberes dos trabalhadores. Foi

construída a educação para donos meios de produção e outra para trabalhadores. Começa lidar com essa dicotomia: o andar de cima e andar de baixo. Vamos continuar chamando a EP do andar de baixo? Ou EP como instrumental para educação dos pobres. Ou reconhece que esse jeito de fazer educação a gente não quer? As experiências de educadores vem de colonizadores ingleses. O tema animação vem dos franceses. Foi povoado dessa experiências. E houve ganhos. A definição do sujeito vale para todo tipo educação. Os ganhos dessa proposta a gente assumiu e chamou de Educação Popular. A participação dos excluídos, esse dado é presente no movimento educativo. E isso é valido para a outra educação. A educação entra com essa necessidade. É para socializar saberes e poderes

Apostando na descoberta e na criação. Estamos lidando com a dinâmica social e não só com a produção humana, mas com produção do mundo, da beleza, da alegria. Outro dado fundamental é que a gente está atrás de uma ética, de um núcleo ético. O nível de respeito, de vislumbrar o outro como fonte de criação. A ética não consegue caminhar sem a estética, da arte, do desejo da criação. Cada um de nós é um artista. Devemos olhar para educação como o lugar para esta criatividade, que se abra espaço pedagógico para que isto se explicita.

Comentários de Cláudio Nascimento

Discutindo um percurso metodológico e sistematização. Economia Solidária tem elementos seculares, tem história. Quando pega autogestão tem economia dos quilombolas. Certo momento toma nome de Economia Solidária e se tranforma num movimento. Ela tem uma concepção política, que é onde define a questão estratégica no seu conjunto. Aqui entra nossa história dentro do capitalismo. Nós somos atores diretos dessa história. Elementos de ruptura e continuidade. Dizemos que a Economia Solidária é uma estrategia de desenvolvimento. O estado é um elemento fundamental para processo desenvolvimento. Estado com sociedade são elementos dialéticos. Precisa sair do maniqueísmo que todo o estado é ruim.

Outro eixo é o par dialético do capital com trabalho. Queremos outra concepção de trabalho, que seja associado, que pode ter diferentes nomes comuna, etc. Depende do processo histórico de cada povo. Esse é o eixo que trabalho seja elemento fundante e gerido pelos cidadãos. Não mais o estado

Outros elemento é a cultura, para pensar o processo de desenvolvimento, de sociedade. Na disputa do estado tem uma parte que está implementando um projeto desenvolvimentista e onde o elemento participação popular é muito fraco, pois está em disputa.

São 3 eixos:

Socialização dos meios de produção. Não adianta sociedade popular. A transição pode encaminhar para propriedade estatal. Pode ser primeiro passo para passar para o controle social e de todos. Empresas recuperadas são experimentação. Singer chama de implante de socialismo. Dentro destas deve-se tentar exercer o máximo de autogestão.

História mostrou socialismos estatais nos países leste europeu, com propriedade estatal e estado hegemônico. Submeteram a sociedade política, econômica e

culturalmente. Tivemos na história tentativas de autogestão que o estado reprimiu. Isso é processo

Outro eixo é a Socialização do poder político, a relação da sociedade e estado, que é democracia direta e participativa. Articular a política com a economia, que forma de experiência nova para rearticular isto. Entram em campo as políticas públicas para ter controle social. É se apropriar daquilo que estado se apropriou. É espaço de disputa.

Eixo Filosófico, do reencantar a vida, no caso de hoje desmercantilizar. Por isso necessidade de elementos filosóficos. Da ontologia do trabalho articulando os 3 eixos. Repensar radicalmente a questão do trabalho desmercantilizando-o.

Os 3 elementos para dizer o que queremos em termos de sociedade. Para termos um horizonte. A Economia Solidária como estratégia de desenvolvimento é dizer qual o caminho.

100 anos de luta não conseguiram superar o elementos do capital e do estado

Nossa lutas estão além do capital?

A disputa de hegemonia se dá nos 3 eixos mostrados, não só em um ou outro. O percurso metodológico precisa incorporar esses eixos. E a partir daí define conteúdos.

Outro elemento é a estratégia política da Economia Solidária. que tem organicidade, com participação de base. A educação tem que pegar essa história de organização. Como educadores traduzimos de modo educativo a política educativa que foi construído pelo governo na Senaes e o movimento também, através das oficinas de formação.

Quando junta estado e sociedade civil estamos criando espaço público. Tem instrumental que são os CFES. E tem um instrumental importante que é a sistematização da nossa prática. E esse é o nosso momento. É um universo imenso, a sociedade, a história, a utopia.

Quais são os temas geradores num processo de experimentação, de criar e recriar para construir nosso projeto político pedagógico, para em rede construir uma rede de educadores?

Grupo apontou concepção filosófica, implica que mercado nós queremos. O mercado tá dentro da relação do estado com a sociedade. Queremos uma contra hegemonia que vá além do capital. E é processo não linear.

Reencatamento da vida é preciso. Eu sou militando do socialismo autogestionário

Modo cooperativo de produção de saberes é nosso papel de educadores

Esfera 1

Tem Saber acumulado/acadêmico

Esfera 2

Apropriação do trabalho associado

Esfera 3

Articular os dois saberes, criando e recriando, com produção de saberes.

É campo ético-epistemológico. Saber construído de duas esferas. A relação da autogestão começa com as mãos, como o trabalhadores faz relação com sua máquina. Como articular esses saberes sem dividir EES e entidades de apoio.

Tenho sentimento que a Economia Solidária está construindo catedrais com vitrais. Estamos aqui com os CFES e daqui pra frente como fazemos nossa sistematização.

Rodada de comentários

Joana

Há disputa no governo Lula. Economia Solidária não é instrumento político
E também o partido é instrumento.

Sueli

A gente está aberto para a pluralidade. Para não repetir o que foi feito em termos
de socialismo no mundo até agora

Altamiro

Preocupação política com convocação da conferência Economia Solidária em
2010 ser mais eleitoreira

Braz

Feliz por estar nesse momento da historia da Economia Solidária. História é um
desafio de possibilidades.
Olho para meu estado goiás

Digó

Sobre a intervenção no espaço, a cidade é o lugar para ação humana a polis
Mas hoje e a cidade do capital, do carro, fragmentada. Onde se está pensando o
que deve ser a intervenção no território, quand se tem territórios com um porte
imenso como a cidade de São Paulo?

Nilse

Angustia começa aumentar. Poeta César Teixeira: Diga sim a quem quer nos
acolher, mas se for para prender diga não. O que a gente está querendo construir
é a vida do povo. E a Economia Solidária dá resposta. O desafio nosso é manter a
consciência política, de manter poder de intervenção, na nossa relação com
governo. Como a gente constroi ações pedagógicas para práticas de interveção
do estado, para ações de contraponto e gerar meios de interveção no processo
educativo.

Aida

Sou muito encantada com as questões da história porque muito dinâmica. Cada
um fazendo história no seu montinho. Aqui a gente está na barriga da história.
Sobre o território urbano, há aleijamento da cidade, confusão, barbárie. A noção
de território está muito pensada na comunidade rural. Para quem trabalha na
favela, quais as escolhas de força. Há desafio de territorialidade no urbano, como
vai articular força num território de embate dessa ordem. Tem gente estudando
isto.

Desafio da humanização. Há uma construção nova na sensibilidade da gente, que
fomos criados na dicotomia do bem e do mal. Queria ver se conseguia
desconstruir porque a gente é o bem e o mal. O outro precisa desse
empoderamento da gente. A gente tem que ser crítico do empoderamento da

gente. Mas ter cuidado com quedas possíveis, quando militantes chegam ao poder por exemplo. O que é na vida que pode reforçar a distorção. No trabalho de educação estamos cercados dessas distorções. Tem que ficar muito atento, porque está cheio de armadilhas. Temos que trabalhar as distorções dos sistemas. Manter o olho crítico para as armadilhas do sistema. Tem que acabar essa porqueira do sistema. Educador tem que trabalhar as distorções.

Cláudio

Nas cidades é onde se dá no cotidiano a democracia participativa. Por isso importa ter as prefeituras, para o controle social das política públicas. É espaço de refundação do Estado. Toda uma discussão do papel da cidade. É um longo processo, quando cidade está perdendo suas possibilidades por causa do urbanismo louco promovido pela mercantilização. Primeira luta das cidades foi o controle de preços. Povo pressionava para preço justo, se não apropriava e vendia na feira, como um motim. Como resignifica as cidades, para ser espaço mais harmônico? Pensar a autogestão do espaço e espaço da autogestão. Introdutor da discussão Economia Solidária no Brasil foi Milton Santos, em 1978. Povo da economia popular tem papel de lutar e mudar.

GT de Sistematização explica sua estratégia de trabalho.

Iniciar pelo registro do que já aconteceu

Definir identidade do grupo, pluralidade de ações em Economia Solidária

Perguntar de onde estão vindo os educadores nesta diversidade

Qual o tempo considerando nesse modo de fazer

É a lógica do trabalho associado ou do trab cronometrada

Lógica do educador experimentador, não no sentido de irresponsabilidade, mas vai ter coragem de experimentar outras propostas

Metodologia participativa, dialógica, dialética

E na prática o que fizemos dentro dentro desses conceitos

Autogestão como transformação profunda vinculada ao chão de trabalho

Economia Solidária Pensar no território

Agora vamos a compreensão do que é sistematização

Gt reuniu ontem de manhã, meio dia e de noite

A responsabilidade muito grande dada a demanda gerada pela sistematização. Tarefa é de criar instrumento de sistematização para levar às regiões e para o exercício de sistematização.

Propõe dinâmica (chuva de idéias) para responder a questão:

O que cada um entende por sistematização? (escrever em tarjeta)

Com objetivo de elaborar uma síntese como nos entendemos a sistematização.

Citam caderno de textos do curso, página 46 “Como sistematizar uma proposta em 5 tempos”

Texto relativamente pequeno, podem fazer uma leitura e construir com base

no que fala o texto ou de outras compreensões do grupo e o que ouviu do “toró de partite”.

Com a contribuição de todos e construído o seguinte conceito de sistematização:

1. **Sistematização parte de uma experiência de uma vivência**
2. **Feita por quem viveu a experiência (embora não possa eliminar o olhar de agentes externos, como alguém que vai apoiar o grupo, mas a sistematização é feita pelos atores, que é quem interessa o processo e o produto)**
3. **Fazer para organizar informações, registros, vivências que estão dispersas, onde os atores se vejam e se sintam identificados, de forma analítica e contextualizada, respeitando diversidade e divergências.**

A sistematização é um processo de reflexão que parte da necessidade das experiências de se reapropriarem de sua prática com o objetivo de transformação qualitativa dessa prática e socialização da experiência vivenciada

Do ponto de vista de nossos interesses educativos/gestionários, a sistematização:

- é realizada com a participação e controle dos sujeitos implicados na experiência, utilizando os diferentes e diversos registros de seu percurso;
- pode contar com a possibilidade de apoio de atores externos que com seu saberes acumulados em outros espaços que possam contribuir na construção dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento da sistematização
- pretende como resultado produzir uma análise contextualizada que expresse um consenso sobre o percurso vivenciado, que possa ser socializada através de um produto que utilize de diversas linguagem (vídeo, livro, etc)

A partir das dificuldades quando ao entendimento sobre o tema da sistematização e o processo do curso até este dia, grupo realiza debate para fazer avaliação em grupos depois socializa com todas/os:

- ◇ **Grupo integrado por Joana, Gedalva, Munique, Neide, Begair, Sonale, Jaqueline**
- ◇ Há autogestão democrática coletiva, mas necessidade de definir os conteúdos
- ◇ Há indefinição da metodologia
- ◇ Pouco aproveitamento dos assessores, não houve oportunidade de explorá-los mais
- ◇ Descontinuidade das construções anteriores, oficinas anteriores, resultados das plenárias, parece que só construir a partir daqui
- ◇ Caderno legal mas faltou algo mais
- ◇ Sensação que teve sobretudo do grupo de sistematização houve problema de metodologia
- ◇ Se era tarefa nossa tinha que ser informado antes, na formação dos gts

- ◇ Houve falha metodológica
- ◇ Nós estamos pagando o preço por isto

Grupo integrado por Galdene, Sueli, Léo, Gustinha, Aaltamiro

- ◇ Percebe que autogestão é presente e pura ousadia
- ◇ Tem momentos que acontece e tem momento que não
- ◇ A metodologia vai introduzindo a autogestão
- ◇ O exercício da sistematização é um exemplo da autogestão
- ◇ Exercício da autogestão vem das nossas práticas
- ◇ Experimentação permitiu ver que divergências aparecem
- ◇ É uma prova que autogestão não fácil
- ◇ Não ficou claro o objetivo do curso
- ◇ Nós entendemos que é uma troca de experiência e saber
- ◇ Nós discordamos do eixo
- ◇ O eixo é metodológico
- ◇ O eixo é a autogestão e a educação popular
- ◇ Frase: a seqüência de processo autogestao vem do nivelamento e do sentimento pelo coletivo

Comentários

Léo

Na frase do Cláudio sobre autogestao da educação autogestionária, eu me vi no processo na reunião do gt de sistematização a meia noite de ontem.

A autogestão se pode perceber pela brilhante atuacao do Cláudio e da Aida
Precisa buscar o nivelamento com o coletivo.

Kauá

Não é que não sabíamos o que vínhamos saber aqui, mas a questão metodológica é desafiadora e inovadora. Sabemos sim o que viemos.

Léo

Cláudio disse: exercício de autogestão pode parar no meio e pode nem dar certo.

Altamiro

Discordo de alguns pontos. Nós somos sujeitos da nova educação popular em Economia Solidária. Vamos trabalhar como sujeitos dentro da história dentro dessa transformação, e pensar qual o meu papel nessa historia desse país. Nós somos o sujeito dessa transformação. Pra mim o melhor dia foi hoje porque esquentou a discussão, dentro de uma discussão mais aprofundada como sujeitos, colocando em nós uma responsabilidade.

Grupo integrado por Arimatéia, Bárbara, Angelino, Alzira

- ◇ Autogestão se dá na construção dos saberes, aprimoramento se dá na seleção dos participantes (na Paraíba foi tirado numa reunião do Fórum de Ecosol), teve estados que saiu da coordenação

- ◇ Através dos Termo de Referência do CFES análise é possível saber que o curso foi feito como previsto ali
- ◇ A sistematização feita por todo o grupo ela é complicadora e gera conflitos
- ◇ Então pode não ser democrática ou tem que ser democratismo só pra dizer que todos participam
- ◇ Não sei se ao aplicar essa metodologia nos cursos regionais vai terminar a formação que vamos fazer

Alzira

Temos uma questão diferente deste nosso GT de Sistematização, em relação aos outros grupos de trabalho: Houve entendimento que estas eram perguntas avaliativas. GT de Sistematização pede que grupo validem ou acrescentem ou discordem do instrumentos que estamos apresentando. Ou apresentem outra pergunta questionadora. O plano não era para fazer avaliação. Validado plano voltaria para GT de sistematização operar e devolver para o coletivo. Isso é debate que pode fazer no coletivo. GT de sistematização vai operar a sistematização, que foi delegada a este, e que assumiu os registros. Mas que a tarefa de sistematização é de todos dentro do conceito que formulamos aqui.

Grupo decide fazer uma avaliação coletiva no “Bar do gomes (todos sentam mais perto na grande roda)

Digo

Lê o conceito de sistematização construído em grupo

Sergio

Alzira trouxe uma orientação sobre o exercício que não foi o que Sueli apresentou ao encaminhar o trabalho do GT de Sistematização.

Sueli

Houve tensão no grupo sistema. Houve reorientação do processo. Quando apresentado o plano GT o que queria era avaliação do plano proposto. Assumo não ter passado direito. As discussões do grupo geraram as tensões. A gente estava no processo de discussão enquanto vocês não estavam envolvidos nestas discussões.

Alzira

Essa proposta de sistematização nos tenciona como grupo porque o desafio é enorme. O tempo que se tem para discutir sistematização está sendo muito complicado. Sistematização é tarefa ousada, implica em enfrentar conflitos dentro do grupo. Implica em reflexão nossa. Considero que o que grupos fizerem mostra que há uma linha muito tênue com avaliação. Os pontos eram orientadores não para avaliar. O que os grupos fizerem entram como avaliação do curso.

Edinara

Se sente contemplada com o conceito. Teve uma fala de que a sistematização

seria feita por alguns e não por todos. Autogestão gera tensão. No grande grupo se explicitou tensão que havia. Em relação a ter virado uma avaliação, a forma como foi colocada resultaria nisso, não teria como não resultar nisso.

Tom

Sobre o conceito, produzir consenso é muito louco. Uma coisa é dizer para uma turma outra e vivenciar o que está vivenciando de autogestão. Quantos EES vivem autogestão. Viver isso é muito difícil. Acho que temos que pensar todos os grupos disseram que método está acontecendo, se está produzindo alguma coisa, e qual o objetivo.

Digo

É muito rico o processo que a gente está vivendo. O fato de ter sido entendido diferente do o gt queria, a gente vê muito isso nos nossos processos com os grupos que acompanhamos. Acho que esta metodologia está nos fazendo mudar de lugar não estamos na posição de espectadores de um curso, vivenciando as dificuldades que se dão nas relações humanas

Os grupos acabam por estes problemas de relações e não por outros problemas.

Nilce

Discussão tem que passar por nosso nível de flexibilidade, da nossa humildade. Em relação à formulação do conceito, precisa qualificar de que sistematização se está falando. Nós aqui sabemos do que estamos falando, mas fora tem todo um conceito e nos podemos qualificar este nosso conceito.

Altamiro

Essa última parte foi uma avaliação. Mas as experiências aqui mostram muitos anos de participação em vários setores sociais e espaços. E quando chega a aqui para ver como levar este tema vê o quanto é difícil.

Braz

É um passo a mais. Se a metodologia é um desafio, o desafio de quem está em cooperativa.

Jaqueline

Nas conversar do GT de Sistematização percebi que somos o processo de construção dessa metodologia. Por isso não é só chegar e propor o modelo, de pegar as falhas, as situações difíceis. Se todo tempo falou em autogestão, inconscientemente praticou autogestão sem perceber isso. Isso foi uma laçada para nós do GT de Sistematização. Achei que íamos sistmetizar o processo, mas foi além disso.

Raimudo

Faltou elementos para que os GTs não tivessem estes problemas que temos aqui agora. No nosso grupo percebemos que a participação foi boa. A gente tem que aprender com nossos erros, porque isso acontece na base. O que enriquece uma formação é esse debate, de discordar. Formador não é o dono da verdade. Não

da pra dizer que alguém errou. Toda a forma o tem erro e acerto.

Ademar

Vou comentar como alguém de fora, que não esteve com vocês nos dois dias anteriores. Como fui percebendo pelo que me informaram que grupo ia olhar o roteiro e dizer o que da autogestão. Há dificuldade de nivelamento, algumas pessoas chegaram sem saber ao que vinham, sem saber qual o papel do CFES. Mesmo com preocupa o com linha do tempo feita, nem todo mundo participou da constru o do CFES. Será que a estratégia   as coisas acontecerem assim mesmo no curso. O grupo falou que o próprio processo metodológico produz autogestão. Pensar o processo metodológico como pedagogia participativa. As divergências evidenciam nossas dificuldades, mas divergências   do proc pedagógico. A vivência   enriquecedora e o conceito empobrece. Tem que viver essa dialética, porque não tem outro meio de nos comunicarmos. Quem vivenciou o processo quando pega o conceito sabe o que está falando. Qual o objetivo? Todo processo tem uma inten o. Se tem objetivo como educador, tem que pensar numa estratégias do CFES, que   a Rede de Formadores.

Há uma quebra paradigma. Chegamos com um conteúdo e voltamos para tr s.   assim mesmo porque nossos paradigmas não dão conta. Tem coisa que se não voltar ao zero a gente fica colocando remendo em pano velho. Educador ao propor processo tem que propor com maior clareza possível

Quando propr]oe está com baita papel de poder, porque a gente direciona as coisas. Precisa repensar formas de propor para os grupos, quando a proposta já tem um poder. E quando há poder só tem sentido valorizá-lo em termos de  tica.

MunIQUE

Um ponto que se está repetindo aqui na forma o, já vivemos nas oficinas sobre forma o. Estamos precisando de um eixo para avançar. Se não tivermos não vai chegar a lugar nenhum. Há uma questão da descontinuidade. Tem gente nova entrando e como estas ter acesso ao que já foi discutido? Necessidade de que estas tenham acesso sobre qual   a discussão. Tive a sensa o de que íamos construir algo novo. Ofinas plenária trouxeram muita coisa sobre isso.

Mari

Muito importante que foi trazido no primeiro dia do curso sobre o texto da segunda oficina que está no nosso caderno de textos deste curso. Sobre o processo metodológicos que estamos usando está mexendo do nosso lugar como educadores. Vamos pensar coletivamente. Trabalhar isso   difícil, deixa a gente angustiado.   comum querer ficar no lugar confortável. E mudar   difícil.

Dia 8 de julho (manhã)

Gt Anima o realiza cântico em roda e alongamento

Gt Monitoramento

Informa o programa do dia com seus respectivos horários

Gt Avaliação

Pede um cuchicho entre cada 4 participantes para avaliar o dia anterior

Avaliação do dia 07/07

- O original não se desoriginaliza original
- A inquietação de ontem demonstra um nível elevado de comprometimento coletivo com resultado
- Muitas atividades e pouco tempo para socialização/integração
- Autogestão é um processo que exige clareza metodológica e resgate de acúmulos
- Estressante
- A sistematização na construção de aprendizagem é o momento de parir novas idéias na construção da aprendizagem
- A partir das divergências e convergências, nos despertamos e percebemos na dificuldade de vivenciarmos um processo autogestionário (de formação)
- “autogestão” – reflexão – autogestão – desafios

Alguns participantes preferem fazer avaliações verbais para todo o grupo.

Suely

Entende que não devia ter alguém da coordenação do CFES no GT de Sistematização. Houve tensão ao GT para trazer resposta pronta. O conceito de sistema construído não está apropriado e tem muito dificuldade nisto. Avaliação tem que ter mais tempo.

Alzira

Muito rico a roda da autogestão (o bar do Gomes)

Sugere roda como momento de avaliação e reflexão diária, nos finais do dia, ou finais de atividades.

Neuda

Tem que avaliar e tentar corrigir. Não deixar para ultimo dia

Altamiro

Papel da avalicao é este. Gt Avaliação tem tarefa de avaliar cada GT e a si mesmo.

Leo

Responsabilidade de avaliar é do GT. Responsabilidade é solidária

Karen

Sugere autoavalizacao

Gt sistematização

Apresenta as suas definições sobre objeto e eixo a sistematizar

PROPOSTA DE TRABALHO – GT SISTEMATIZAÇÃO

OBJETIVO:

Sistematizar o processo metodológico autogestionário da 1ª etapa do 2º curso o formação de formadores do CFES

EIXO

Processo autogestionário do curso

OBJETO

1º módulo do 2º curso do CFES: processo metodológico

PERGUNTA PROVOCATIVA:

Como estamos construindo o processo autogestionário no curso?

ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS E ANALIZADOS:

- A participação
- Relação necessidade/ demanda do curso
- Planejamento do curso
- Temas do curso
- Conteúdo do curso
- processo decisório (ajustes e reajustes) na execução do curso
- Avaliação
- Sistematização
- Construção e desconstrução de saberes
- Infra-estrutura/cuidados
- Animação

FONTES:

Projeto CFES, critérios de seleção dos participantes, registros elaborados no curso (relatos, imagens, vídeo...)

Produto: em Construção

GT vai observar e analisar a partir desse plano de sistematizar. Se alguém não se sentir contemplado pode acrescentar outros aspectos. Sobre Produto vai avaliar ainda quando terá pronto. Haverá retorno para grupo todo analisar e validar.

**Tema: Lei geral para a Economia Solidária
Por Daniel Tygel**

Roteiro da sua exposição:

1. desafio do marco legal – quais grandes demandas e desafios em termos marco legal, o que movimento tem defendido
2. apresentar e discutir panorama do que acontecendo no Brasil em nível federal e níveis municipais em termos de legislação – discussão mais aprofundada sobre o que rola
3. a atual proposta – significado de cada bloco e questões em aberto – (pedaço pela manhã e finalizar a tarde)
4. conjuntura e conteúdo e temos como vamos atuar como formadores na base (trabalho em grupo para definir vários aspectos para fazer isto)

2009 ano da construção das bases sobre marco legal.

Prazo para apresentar sugestões ao texto para o Conselho Nacional de Ecosol - CNES vai até setembro

Processo

- ◇ Consulta aos FEES e entidades até meados de agosto
- ◇ Sistematização e debate e apresentação ao CNES até final de agosto
- ◇ Reunião CNES setembro (ainda sem data definida) quando define para envio ao congresso

Marco legal é a palavra e todo mundo quer. Tem um ambiente positivo, ao mesmo tempo é árido, porque envolve dois desafios:

- ◇ Área técnica, desenho das leis;
- ◇ Área político, conjuntura, diálogo com congresso, análise de força.

Então não só aspectos técnicos. Político exige ficar atento a vários aspectos, que muda muito. Jogo técnico e político que precisa andar junto, que exige previsão do que vai acontecer adiante.

Dificuldades do aspecto técnico

- ◇ Realidade dos EES
- ◇ Faltam contadores conhecedores sobre contabilidade para cooperativa e associação
- ◇ Faltam advogados conhecedores do tema

Dimensões do marco legal

Grito de guerra sempre foi o Estatuto da Economia Solidária, um lugar onde tudo cabe para resolver o problema da ponto

Tem 4 dimensões:

1. direitos
2. institucionalização da política
3. formalização dos EES
4. fomento e estímulo

1. Direitos

debate político, que envolve disputa de sociedade. questão de fundo sobre o que se quer com o Estado, como aconteceu no processo de Constituinte em 88. O Equador disse que sistema econômico e social é solidário, o que abre espaço para muitas leis. Exemplo de lei no Equador sobre soberania alimentar onde diz que país é livre de transgênicos. Brasil não tem esta possibilidade de lei porque falta base institucional. Aqui temos PEC que cria do direito de alimentos saudável.

No caso de Economia Solidária espero que um dia cheguemos ao ponto de fazer debate com sociedade sobre direitos que queremos, como direito ao trabalho associado, outro é direito à propriedade coletiva.

Dimensão da institucionalidade da política tem constituição que abre muitas brechas para outras leis, que dão base constitucional só precisa construir os conselhos.

Os sistemas que organizam a política se manifestam em leis que dão as bases para que estados, municípios e união possam ter as leis de fomento. Toca na questão dos direitos porque garante recursos orçamentários.

Terceira dimensão (formalização dos EES) é mais delicada porque toca nos EES. O movimento insiste neste e no seguinte o de formalização diz que quer ser legalizado. Significa poder participar de licitação e tantas outras questões. É essencial, mas debate em aberto, movimento está em disputa porque duas correntes: uma de criar a pessoa jurídica do EES, outra não. Economia Solidária se caracteriza pela autogestão mas não depende da forma jurídica. Esta defende as cooperativas e até mesmo micro empresas. A primeira tem armadilhas. Uma das principais porque já existe na lei uma pessoa jurídica que é cooperativa. Se cria outra terá duplicidade de sistemas um de cooperativa e outro de Economia Solidária. Outro problema é dizer que Economia Solidária é pequeno e quando está pronto vira cooperativa.

A dimensão do fomento é mais rasa porque em geral sistemas só incluem funcionamento da lei. Depois vem outras leis, a exemplo do super-simples aprovado como lei. Aqui é isenção fiscal, favorecimento em licitações, incentivo a feiras. Sistema organiza direitos. Fomento ajuda na ponta, implementa apoio.

Sobre o Pronades – Programa Nacional de Desenvolvimento da Ecosol, a inspiração é o Pronaf, que é apenas uma regulamentação da lei mais geral da agricultura familiar. Pronaf é conjunto de normas que regulamentam o acesso direito dos agricultores familiares a crédito e assistência técnica.

Pronades é algo semelhante, com fundos, Declaração de Aptidão (Dap) da Economia Solidária, e assistência técnica. Dap seria certificada pelos fóruns de Ecosol.

O que movimento tem defendido

- ◇ Tinha a idéia de estatuto da Economia Solidária. Tem a lei das cooperativas (com duas lei geral, e lei das cooperatias de trabalho, e leis tributárias). Tem sete leis estaduais Economia Solidária no país.
- ◇ Ferramentas de finanças solidárias (bancos comunitária, fundos rotativos, e cooperativa de crédito).
- ◇ Vantagens tributárias para EES.
- ◇ Pronades
- ◇ Compras institucionais
- ◇ Falências, favorecer que empresa falida seja recuperada pelos trabalhadores
- ◇ Sistema nacional comércio justo e solidário

Dia 8 de julho (tarde)

Tema da Lei Geral para Ecosol

Com Daniel Tygel

Explicação sobre capítulo III da proposta de Lei Geral Sobre Sistema Nacional de Economia Solidária

Principais questões

Ênfase do sistema mais duro, como assistênciasocial e educação é muito colado no pacto federativo ou se ênfase as entidades. Posição participar é que devia contemplar apenas os conselhos e não a própria instituição. Tem a ver com a outra questão sobre a relação com outros sistemas. E outra pergunta pior ainda e com o SIES – Sistema Nacional de Informações da Ecosol, Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário

Imagem fazer parte de vários sistemas ao mesmo tempo.

Adesão ao sistema ser pré requisito para acesso financiamentos?

Para receber Pronades tem que entrar no sistema. Como se garante o controle social não tem nada na lei. Capítulo 3 é tema árido

Enquanto segundo é para fora, 3 tem que entender o pacto federativo.

Legal fazer dialogo com outros.

Capítulo 4 é das finanças. É o fundo que o governo não engole. Tenta garantir os recursos para a política. No CNES, Paul Singer foi contra fundo. Ele disse que perigoso criar fundo, porque implica na centralização, na execução das ações. Reduziria os ministérios que executariam a política. Mas há também entendimentos de que conceito de fundo quebra lógica, porque permite que sociedade civil elabore ações como política do sistema. Sociedade civil tem mais criatividade. Fundo permite ida e vinda proposta sociedade civil seja

financiadas.

Planejamento em grupo sobre a formação sobre a Lei Geral pelos formadores participantes do curso

Quais são os principais tópicos ao fazer ação de formação?

1. - público das atividade formativas
2. - conteúdos
3. - materiais de apoio
4. - metodologia
5. - como produzir relatório que alimente o fbcs
6. - estratégias para mobilização da luta

Questão 1

- ◇ **Caráter da formação varia conforme o estado**
- ◇ **Mobilização é diversa**
- ◇ **Cfes regional pode fazer oficina**
- ◇ **Articular CFES e Planseq**
- ◇ **Planseq como levar este debate**
- ◇ **Garantir caráter mobilizador, base se apropriar**
- ◇ **Esclarecer o papel do Estado**

Questão 2 Conteúdo

- ◇ **Onde queremos chegar**
- ◇ **Panorama legislativo**
- ◇ **Proposta políticas do governo**
- ◇ **Abordagem crítica**
- ◇ **Conjuntura política cada estado**
- ◇ **Questão dos direitos humanos**
- ◇ **Demandas do movimento**
- ◇ **Comercialização**
- ◇ **Financiamento**
- ◇ **Problematizar inserção o sistema na lei (mais para aprofundamento)**

Questão 3 - Materiais de apoio

- ◇ **caderno da II oficina nacional de formação**
- ◇ **caderno da conferência (capítulo marco legal)**
- ◇ **caderno das plenárias**
- ◇ **projeto de lei**
- ◇ **constituição federal artigo 5**
- ◇ **apresentação padrão power point**

Questão 4 - metodologia

- ◇ processo autogestionado quando possível
- ◇ iniciar com uma contextualização
- ◇ perguntas provocativas para ver a percepção das pessoas (o que é uma lei, processo construtivo de uma lei)
- ◇ fazer trabalhar em grupo para o pessoal apreciar o material
- ◇ varia conforme espaço/público
- ◇ cordel
- ◇ promover ações afirmativas/mobilização
- ◇ estratégia
- ◇ aproveitar atividades dos fóruns locais
- ◇ plenárias
- ◇ teleconferências
- ◇ envolver articulador
- ◇ audiência pública
- ◇ articular com atores parceiros para estarem na oficina

Questão 5 - Sistematização

- ◇ garantir registro
- ◇ construir instrumento comum com perguntas, desde que seja flexível
- ◇ usar atividade de formação em marco legal como trabalho do módulo a distância de sistematização (proposta)

Tema: Papel CFES - Importância da rede de formadores

Suely

Que se de mais importância a este aspecto, inclusive no caráter formativo

Cleber

Se foi pensado de incluir os formadores deste curso que não estão engajados nos fees

Alzira

Qual o momento que vamos discutir a formação da rede
Talvez fosse importante a gente reservar um momento para discutir a construção da rede de formadores

Mari

Rede de formadores articulado pelos cfes regionais

Suely

Experiências em Salvador vários educadores atuando em rede com diferentes organizações
Seleção dos educadores muito criteriosa

**Ficamos pensando num projeto para criar rede quando ali já era rede
Tem uma questão de institucionalidade, mas aqui já esta formando uma
rede de formadores
Agora tem que dar essa cara**

**17 julho ne reunião conselho gestor
Pensar lacamento e repensar a agenda de atividades**

Dia 9 de julho (manhã)

Gt animação realiza cântico em roda e alongamento

Gt monitoramento Informa programação do dia

**Tema: Definições de ações por região sobre o exercício de
sistematização e socialização das atividades do CFES Regionais
Trabalho em grupo**

Apresentações para todos os participantes:

CENTROESTE

- reunião com CFES e Conselho Gestor: 19.07.09
- Mato Grosso do Sul – repasse fórum estadual e formadores
- definição do objeto e ações. Marco legal
- Goiás – repassar essas informações no encontro Fórum Goiano dias 26, 27 e 28 de julho. Marco legal
- Mato Grosso - repassar essas informações para o fórum estadual. Marco legal.

NORDESTE

- opção por metodologia do processo de sistematização autogestionario.
- tema – marco legal ou outro tema a ser decidido na região
- objeto – o processo formativo do marco legal (ou outro) nas atividades podendo ser seminário, reunião, oficina etc.
- prazo – produto parcial – dia 31 de agosto (trocas via e-mail). Produto final - 13 a 17 de setembro (proposta de data para 3º modulo).

SUDESTE

- Objetos distintos por estado
- Il módulo do CFES regional no ES – socializar este curso
- Sugestão de data – pegar final de semana, não pegue 1ª semana do mês.

SUL

- Proposta de tema a ser discutida nos estados. Discutir a necessidade de formação sobre o tema do marco legal.

- Divulgar informações e aproveitar espaços já existentes para debater o marco legal (reuniões, feiras, fóruns, ...)
- Produzir material de subsídio para discutir a lei (power point)
- Enviar retorno das informações sobre a discussão do marco legal para o FBES
- Trocar experiência entre o grupo na construção da sistematização
- Proposta de data para entrega do plano – 31 de julho
- É preciso enviar produto final ou somente o plano da sistematização? Necessidade de discutir o processo (metodologia), não o produto.

NORTE

- Objetivo – sistematizar autogestionariamente o processo formativo da discussão do marco legal na região norte.
- Eixo – marco legal
- Objeto – plenária / reuniões nos estados, espaços de discussão da ES
- Pergunta – como esta sendo discutida a proposta de marco legal no norte?
- Aspectos:
 - Nível de participação dos atores no processo de construção do marco legal
 - Necessidade-demanda: atende aos trabalhadores da ES?
 - Processo de discussão do eixo marco legal
 - Processo autogestionario e de trocas de saberes
 - Infra-estrutura de cada estado, condições de parceria e articulações
 - Avaliação regional e auto-avaliação estadual
 - Fontes: preparação para a plenária, relatório dos estados, propostas de lei estaduais, minuta da lei, exposição de motivos.
 - O grupo não vai impor a discussão do marco legal, vai propor e falar a importância da apropriação desta discussão.
 - A sistematização será da região norte, não estadual.

Definições do coletivo sobre prazo para entrega do exercício de sistematização

- Plano da sistematização – prazo limite ate 31 de julho
- Produto parcial - 3º módulo
- Nossa preocupação deve ser mais com o processo (metodologia) e não apenas centrar na demanda do produto. Compromisso coletivo em produzir o produto final.
- Sugestão de data 3º módulo – 13 a 17 de setembro ou 11 a 15 de setembro? Venceu de 11 a 15 de setembro de 2009.
- CFES usar mais o espaço do e-solidaria para

Animadores regionais do exercício de sistematização
Sudeste - Leo

Norte - Bárbara
Nordeste - Suely
Sul - Rosana
Centro-Oeste - Guilherme

Dia 9 de julho (tarde)

Tema: Projeto Nacional de Comercialização Solidária, executado pelo Instituto Marista de Solidariedade

Apresentado por Euclides mance

Objetivo

Implantação do Projeto Nacional de Comercialização Solidária como espaço de referência, de suporte, de integração e de fortalecimento para a comercialização em Economia Solidária no Brasil

Objetivos específicos

- ◇ Levantar informações úteis à comercialização justa e solidária no Brasil;
- ◇ Preparar EES para adequação aos princípios e critérios do Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário – SNCJS;
- ◇ Promover e articular o SNCJS junto a atores governamentais e da sociedade civil nacional e internacional;
- ◇ Promover ações que contribuam para a comercialização direta e para a difusão da economia solidária e do comércio justo e solidário;
- ◇ Fortalecer redes e cadeias produtivas entre os diferentes atores da comercialização justa solidária no Brasil;
- ◇ Produzir, sistematizar e disseminar metodologias, informações e materiais pedagógicos sobre comercialização justa e solidária, em linguagem clara e que atenda as especificidades da economia solidária.

Públicos

- ◇ **Empreendimentos econômicos solidários em geral;**
- ◇ **Trabalhadoras(es) que se organizam de forma autogestionária;**
- ◇ **Redes de produção – comercialização – consumo;**
- ◇ **Entidades de Assessoria e Fomento à Economia Solidária;**
- ◇ **Gestores públicos federais, estaduais, municipais e comunitários;**

Metas

- 1. Estruturação e funcionamento do Projeto Nacional de Comercialização Solidária no Brasil**
- 2. Divulgação e comercialização dos Produtos e serviços dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) em feiras de Economia Solidária nas modalidades: microrregionais, estaduais e internacionais**
- 3. Apoio a estruturação do Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário - SNCJS no Brasil**
- 4. Diagnósticos e levantamento de informações sobre comercialização dos**

produtos e serviços dos EES no Brasil

Meta I

- ◇ **Manuten o da infra-estrutura para funcionamento do Projeto**
- ◇ **Elabora o da identidade visual e divulga o do Projeto**
- ◇ **Constitui o e manuten o de Equipe do Projeto**
- ◇ **Planejamento, Monitoramento, Avalia o e Sistematiza o - PMAS do Projeto**
- ◇ **Incidência política realizada junto aos órgãos governamentais, não governamentais, congresso nacional e com a sociedade civil para consolida o da temática da comercializa o solidária**

Meta II

- ◇ **Seminário Nacional sobre Comercializa o Solidária no Brasil**
- ◇ **Encontro Nacional dos Pontos Fixos de Comercializa o em ES**
- ◇ **Encontro Nacional das Marcas Regionais de ES**
- ◇ **Seminário Nacional do SNCJS**
- ◇ **Seminário Regionais de Comercializa o Solidária no Brasil**

Meta III

- ◇ **Feiras Microrregionais - 65**
- ◇ **Feiras Estaduais - 10**
- ◇ **Feiras Internacionais – 2**

Meta IV

- ◇ **100 EES preparados para habilita o e participa o no SNCJS**
- ◇ **Manual com os padrões e procedimentos de operacionalidade do SNCJS**

Meta V

Diagnósticos e levantamento de informaçoes sobre comercializa o dos produtos e serviços dos EES no Brasil

- ◇ **Pontos Fixos**
- ◇ **Análise dos dados do SIES**
- ◇ **Cadeias Produtivas**
- ◇ **Marcas**

Tema: Avalia o do 2 . curso de forma o

❖ **Infra estrutura** – (local, transporte, etc) foi maravilhosa. Conseguimos garantir durante o curso uma coopera o para a realiza o do curso.

Tempo – a questão do tempo relacionado   participa o de Claudio e A ida foi mal dimensionada. Construir e aprofundar uma metodologia autogestionária de forma o e de sistematiza o requer mais tempo. Contudo, penso que

avancamos muito em termos de compreensão e prática de autogestão. Principalmente, porque às vezes se pensa que ela é para os empreendimentos e não para todos nós inseridos no processo de sua construção.

Sistematização – a sistematização foi um processo muito rico no sentido de confrontar nossas práticas, valores e concepções. Estamos desafiados por nós mesmos a fazer diferente.

Considerações – a nossa turma é muito criativa. Com experiências muito diversificadas e acúmulos diferentes. Por isso, nós precisamos de mais tempo.

A autogestão não é apenas uma palavra, mas também não é um dogma ou doutrina. Como ela é fruto da construção realizada pelas pessoas, às pessoas necessitam trocar sensações, afetos, idéias. Penso que começamos e vamos em frente.

Aprendi muito. Agradeço particularmente a Karen, por me ajudar a conter a ansiedade.

(Alzira).

❖ **Auto-avaliação** – poderia ter contribuído mais, porém não me encontrei preparada para maiores intervenções diante do que se apresentou durante o curso, inclusive pela falta de uma discussão anterior com minha base. Apesar disto, o processo de aprendizagem superou a minha expectativa diante do obstáculo.

Local – o local de excelente estrutura e bom atendimento, porém muito distante do centro. Poderia ter um melhor acesso a internet.

Translado – deve ser revista a dinâmica do traslado principalmente para não causar desconforto aos/as participantes que chegam em horários noturnos. Fiquei esperando o transporte por 03 horas e 20 minutos, depois uma noite não dormida.

Coordenação – com relação a coordenação do CFES, compreendo que realizou bem seu papel. Procurando sanar as dificuldades e trabalhar algumas propostas. Só questiono algumas intervenções que colocaram insistentemente em discordância ao coletivo, ou seja, faltou respeito ao processo autogestionário em alguns momentos.

Programação – sem maiores comentários/ só que foi um tanto cansativa

❖ **Auto-avaliação** – impactante e inovadora experiência de um processo autogestionário de formação. Dificuldades iniciais, porém com fechamento facilitado.

Local – muito afastado, porém com boa infra-estrutura e excelente acolhida por parte da equipe.

Translado – infelizmente não houve comunicação do traslado, nem com relação aos contatos dos responsáveis. O que me levou a arcar com despesas do mesmo.

Coordenação do CFES – objetiva sem se perder em questões de infra-estrutura ou qualquer outro problema.

Programação – não foi tão obedecida talvez pelo próprio processo autogestionário.

Distribuição do tempo – prejudicado pela mesma questão anterior

Conteúdo – educação popular e marco legal relacionados produzem um excelente conteúdo

Metodologia – remeto a auto-avaliação inovadora, provocativa, levando-me a reflexões.

Facilitadores – excelente e com larga experiência. Faltou menor presença de gestores, GT's. Todos trabalharam bem

❖ **Auto-avaliação** – poderia ter contribuído mais.

Local – ótimo

Translado – ótimo

Coordenação do CFES – regular, durante o processo deveria ter atuado mais na orientação, monitoramento da plenária e dos trabalhos em grupo.

Programação – boa, acredito que tenha sido feita conforme demanda.

Distribuição do tempo – houve falhas de todos, o que dificultou muitas vezes o andamento dos trabalhos.

Conteúdo – foi bom

Metodologia – foi difícil identificar com clareza.

Facilitadores – ótimo.

GT's – todos se esforçaram muito, e foram dedicados, mas o GT de sistematização confundiu o que ia sistematizar os 5 dias e elaborar uma proposta geral de sistematização para os centros de formação, assim ficou claro que não houve unidade e concordância no próprio grupo.

❖ O curso foi muito importante, pois possibilitou troca de informações que irá colaborar na prática das nossas ações na base.

Espaço – quanto ao espaço disponibilizado foi muito bom, mas muito distante da cidade, o que dificultou o acesso a aquisição de material de apoio, etc.

Coordenação – a coordenação é composta por pessoas autogestionárias que apoiou a todos e acolheu com muito bom gosto.

Programação – a programação foi boa, mas algumas informações não ficaram muito claras.

Espero que até o término deste curso possamos definir uma sistematização com sucesso.

Os demais itens abordados foram satisfatórios.

❖ **Auto-avaliação** – apesar de todas as experiências terem sido claras, fiquei com grandes dúvidas, as quais irei tentar resolver junto com os GT's do Fórum Estadual. Estarei levando subsídios para essas conversas.

Local – atendimento muito bom, pessoas com auto grau de confiança. Porém, o local (terreno) precisa passar por uma vistoria no que se refere a conservação do meio ambiente.

Translado – satisfatório

Coordenação do CFES – esforçada

Programação – flexível

Distribuição do tempo – insuficiente

Conteúdo – bom

Metodologia – boa

Facilitadores – bons

GT dinâmica – trabalho muito bom

GT sistematização – regular, as vezes sem bom entendimento

GT monitoramento – bom

GT infra-estrutura – fez o que pode.

(Artur Melo)

❖ **Local** – excelente, mas muito distante de tudo

Programação –

Distribuição do tempo – muito conteúdo para pouco tempo (sugestão: aprofundar mais alguns conteúdos).

Gt's – se empenharam muito nas tarefas, mas isto coibiu a integração entre o grupo como um todo.

Dinâmica – muito interessante.

Sistematização – acho que à eles coube uma tarefa muito grande.

Monitoramento – poderia ter contribuído mais na distribuição dos tempos

Infra estrutura – excelente.

❖ Muito bom, enriquecedor quanto a tudo da autogestão para a auto-avaliação.

Local – muito distante, mas muito aconchegante.

Translado – bom

Coordenação do CFES – dentro do esperado

Programação – um horário livre

Distribuição do tempo – deverá ter mais cumprimentos

Conteúdo – bom/enriquecedor

Metodologia – aplicada dentro da pauta

Facilitadores – mais objetivos

GT's – bem formados

Dinâmica – sempre atenta

Sistematização – eficiente

Infra estrutura – com mosquito, mas alerta, legal.

❖ **Local** – fantástico, com um pequeno problema da distancia de qualquer local.

Translado – tranqüilo, só com reclamações a cerca da demora da van, o que ocasionou que pessoas ficassem muito tempo esperando sozinhas no aeroporto, sem um norte.

Coordenação do CFES – ótima, muito engajada, sem reclamações.

Programação – boa, mas um pouco atropelada pela falta de tempo.

Distribuição de tempo – boa na medida do possível, graças ao monitoramento.

Conteúdo – ótimo, mas com aberturas para muitas discussões o que acabava retirando o foco.

Metodologia – ótima

Facilitadores – ótimos.

GT's dinâmica (outras linguagens) – suspeita por opnar.

Sistematização – um pouco atrapalhada mas em função mesmo de ser um tema complexo e um caminho novo a seguir no caso da autogestão.

Monitoramento – firme, na questão dos horários, o que propiciou um bom aproveitamento do tempo.

Infra estrutura – ótima

Avaliação – bem dinâmica, com idéias boas para avaliações durante o processo, não somente ao término.

❖ **Local** – ótimo

Coordenação do CFES – ótima

Programação – ótima

Distribuição do tempo – ótima

Metodologia – clarear mais

Facilitadores – ótimos

GT's – falta de compromisso com o/os horários

Dinâmica – linguagem boa, tem algumas melhoras

Infra estrutura – ótimo

Monitoramento – bom

Sistematização – um trabalho com muito conteúdo e o tempo pouco para debate. (Angelino).

❖ **Auto-avaliação** - O esforço para acompanhar os processos foram altamente positivos onde tive oportunidade de me ver enquanto formador.

Dinâmica – a interlocução da equipe de dinâmicas foi acolhedora no sentido de buscar as outras propostas dos companheiros.

Tempo – um dos maiores problemas foi o “tempo”, perdemos muito tempo em situações que estavam claras, e não foi dado tempo necessário para situações que necessitavam de maiores debates.

Facilitadores – facilitadores ótimos, só que não foi disponibilizado debate, e pouco aproveitamento da presença dos mesmos.

Infra estrutura – acolhedora/ dinâmica

❖ O encontro – os participantes centralizou no bairismo em todos os aspectos.

❖ Aproveitar melhor o tempo/ no próximo modulo trabalhar a noite para ter um tempo livre para lazer, etc.

- não ser em Brasília

- muito bom, temas, alimentação, alojamento, participação de todos os participantes.

❖ **Negativo** –

- quantidade de dias, parece que não considerou que as pessoas tem outras atividades

- na formação, ou melhor, na outra atividade deve se trazer experiências de empreendimentos exitosos.

- ficou muito confuso o que se tinha pensado para metodologia

- deve-se deixar um tempo para aproveitarmos a vinda a Brasília (não falo de lazer)

- os facilitadores devem se acertarem antes.

Positivo -

- tudo que não coloquei como negativo.

❖ **Para melhorar –**

- entrosamento e entendimento da coordenação
- demora retorno contato e-mail com relação as passagens
- horário translado (pelo menos vinda)
- direcionamento das atividades (clareza) e objetivo
- pessoas o tempo todo na internet (durante as atividades)
- animação e avaliação. GT's deixaram a desejar (parece que não veio a tona as experiências criativas dos estados nesses processos e também, faltou, mas no final participação das pessoas.
- Aída e Claudio para encerrar sistematização (pelo menos discutir o que eles sintetizaram dos Grupos)
- Metodologia – clareza

Bom –

- o local do encontro. Quartos
- a comida, acolhida dos donos e trabalhadores do espaço.

O processo autogestionário –

- assessoria (facilitadores)
- momento regionais
- divergências e convergências desse processo.

❖ **Avaliação do curso –**

- foi um espaço muito oportuno de aprofundar a nossa metodologia.
- temos muito o que crescer. Não sabemos ainda atuar na autogestão. Tivemos tempo e oportunidades e não soubemos aproveitar, muitas vezes provocando debates desnecessários.
- estou levando uma bagagem muito boa de conteúdo.
- o trabalho do Claudio e Aída foram ótimos, não só pelo que falaram, mas pelo que vivenciaram aqui conosco.
- o papel da Mari, Sérgio e Karen, foram excelentes. Apesar de todas as cobranças, conseguiram nos levar a um aprofundamento muito bom. (e com alegria e bom humor)

Seria bom que na próxima etapa –

- tivéssemos mais responsabilidade no horário
- respeitássemos mais a (“escuta”) fala do companheiro(a)
- houvesse um espaço para partilha das experiências entre as etapas.

❖ **Avaliação –**

- convite para o curso em cima da hora
- faltou clareza nos GT's
- conteúdos: faltou fazer ligações com experiências já existentes.
- local bom

❖ **Auto-avaliação** – a minha participação poderia ser melhor, já que cheguei apenas na segunda-feira à noite (06/07)

Local – o local é muito bom (funcional e aconchegante)

Translado – O traslado foi o mais tranquilo possível

Programação – a programação, em alguns momentos se mostrou um tanto quanto confusa. Mas acredito que atingiu os objetivos.

Conteúdo – conteúdo muito rico

Metodologia – a metodologia, pelo fato de estar em processo de construção, com um excesso de democracia, que em alguns momentos, deixou um “democratismo” – mostrou fragilidades, porém, apontou caminhos, dentro de uma perspectiva de construção coletiva.

Facilitadores/coordenadores – acredito que quanto aos facilitadores, quanto aos coordenadores do CFES (nacional), foram muito bem, mesmo em momentos que tiveram dificuldades de “falar a mesma língua”. Mas, por outro lado, isso fez parte do processo autogestionário.

GT's - O GT de sistematização, no início, estava confuso, autoritário, meio perdido no processo. Mas depois conseguiu se organizar minimamente. Os demais, desempenharam o seu papel sem grandes destaques.

– enfim, o encontro esta sendo muito produtivo e proveitoso.

(Saulo Reis)

❖ **Tempo** – pouco tempo para tudo

Conteúdos – excelente

Metodologia – a construção coletiva foi válida, conseguiu inserir as pessoas num processo participativo e autogestionário.

Facilitadores – os palestrantes atuaram com excelência.

GT's – o trabalho dos GT's foi um tanto confuso, tendo em vista o pouco tempo para discussões.

Dinâmica – faltou mais um pouco de animação e criatividade

Sistematização – está enfrentando um desafio porém definiu um caminho

❖ **Positivos** –

- vivenciar a autogestão (com todos os riscos para o projeto)

- todos participaram dos GT's

- integração regional a partir dos grupos

- ótima infra estrutura (especialmente alimentação)

Negativos –

- algum dirigismo em face das circunstancias políticas

- gestão do tempo, sempre exíguo (descompromisso no horário – dificuldades)

- falta de clareza na proposta (CFES – encontro)

- material enviado mas tardiamente

QUE tal? –

- que tal nos próximos... uma confraternização (festa) no primeiro dia, contribui para um maior entrosamento, mas... o caminho é longo... saber cuidar mais...

❖ **Avaliação** –

- faltou momentos de integração coletiva, tempo livre para trocas de experiências com outros estados.
- houve amadurecimento do grupo sobre processos autogestionários, foi muito rico, mas ao mesmo tempo perigoso nesta etapa onde o grupo não se conhecia em função da carga de atividades, principalmente monitoramento e sistematização.
- importância do exercício cotidiano da libertação em cada um de nós (aprendizado)
- há uma resistência (antipatia) criada no grupo em relação a algumas pessoas e se não trabalharmos isso a continuidade do trabalho coletivo ficará comprometida.
- produzimos muitas coisas de qualidade no coletivo
- os colaboradores foram muito bons.
- o grupo é muito rico em diversidades e experiências.
- cuidar mais das próximas avaliações, mais tempo e o próprio grupo ter este momento como momento importante no processo formativo.
- necessidade de cuidado coletivo
- como vamos construir coletivamente (desafio) o próximo encontro.

(Suely)

❖ **Avaliação final –**

- falta de clareza, dificuldades dos coordenadores/facilitadores do curso com relação à coordenação de um grupo de formação autogestionário:
 - > falta de informação pro grupo
 - > monitoramento/coordenação do processo
 - > transparência de responsabilidades
 - > divergências entre si sobre o processo
 - > prejuízo no aprofundamento do tema educação popular (faltou orientação).
- desencontro e falta de comunhão na coordenação responsável e presente no curso. Dificuldade de conduzir o processo autogestionário do grupo.
- relaxamento do grupo com relação aos combinados nos últimos dois dias.
- concentração de tema e estudo nos primeiros dias cheios x últimos 2 vazios.
- o grupo foi só na recepção e a condução do processo autogestionário.
- o GT de sistematização teve dificuldades por motivos de:
 - > falta de clareza e comunicação fora do tempo para com a tarefa que tinha.